

Do livro *Poeiras de Diasâ*, de João Lopes-Filho, como de qualquer outro, pode-se começar por falar a partir das ideias gerais que suscita, não como uma chave de entrada, mas como maneira de, pelos arredores, lhe atribuímos sentido no contexto da literatura cabo-verdiana.

Vem, de facto, a propósito evocarmos a teoria dos conjuntos que, simplificando de forma drástica, diz ser necessário, para descrever e explicar um determinado conjunto, o recurso a um outro conjunto da mesma natureza, mas de nível superior e de maior poder descritivo e explicativo do que ele.

Com função ilustrativa, costuma-se dizer que quem nasceu e cresce numa clareira situada no meio de um basto arvoredo só vê árvores em torno de si. Para vir a saber que não se encontra apenas rodeado de árvores, mas dentro de uma vastíssima floresta, terá de sair dela e de vê-la a partir do exterior, com um olhar mais abrangente.

Tanto a questão teórica do poder explicativo dos conjuntos como a sua figuração alegórica na floresta são sugeridas por uma passagem do livro, onde se lê, “Assim, com o aproximar do avião, espreitando pela janela, a Ilha desponta lá em baixo, estendendo-se alongadamente em tonalidades de acastanhado”(Id., p. 49), quando o protagonista, que nascera e crescera em S. Nicolau, regressa em torna-viagem depois de muitos anos vividos fora de Cabo Verde (na Europa).

Em termos de economia de gestão de conteúdos, a simples transcrição comporta-se como um significante de dois tópicos disseminadas, um fenoménico e outro existencial. Porque se trata do “Torna-Viagem”, no antes da viagem, no que toca ao primeiro tópico, o protagonista representa aquele que, como quem nasceu e cresceu dentro da floresta, somente dispunha do saber de quem viveu no interior da ilha, vendo apenas o espaço abrangido pela circunferência do horizonte de quem olha. No respeitante à segunda, no depois de ter viajado, a ampliação do ver que lhe permite abranger a totalidade da Ilha conota o saber explicativo adquirido no intervalo de tempo entre “ir” e “regressar”.

Da metáfora “ampliação de horizontes” deduzem-se sentidos próprios de expressão e contabilização de núcleos temáticos, de aquisição de saber e conhecimento existencial que organizam o texto em forma de mensagem.

Vem ainda a propósito invocarmos uma historieta anedótica para especificar bem aquilo que se pretende atingir. Aí pela década de 1950, entre um grupo de rapazes de um bairro castiço da Baixa Pombalina, costumava-se decidir: “-hoje é a tua vez de ires

ao cinema e depois contas o filme à gente”. Claro que não se tratava de contar o filme, mas apenas a história do filme. Naqueles tempos, esses jovens (como agora se diz) nem sequer tinham a mais leve ideia do que fosse a realização do filme (importante era saber quem fazia o papel de “rapaz” ou “rapazinho” e como rasteirava o “mau da fita”).

De falar da “realização” do texto de um livro nem é comum os Autores gostarem¹. Uma excepção à regra encontra-se, no entanto, neste pequeno livro de João Lopes que de forma secante alude a questões estéticas, não com o intuito de especular sobre elas mas, a pretexto de algumas citações, referir em duas páginas, “Estórias...”, o tempo de vivências e de reminiscências transpostas para a matéria de um livro, como quem quer justificar as refrações (auto)biográficas numa história ficcionada.

Poucas que sejam, mesmo indirectamente ficam despistadas algumas ideias sobre o livro, v.g., o excuro fenomenológico de uma determinada existência, numa realização de genologia biográfica, ou autobiográfica camuflada pelos disfarces retóricos. Foram elas que nos guiaram na redacção do breve “Prefácio” que então fizemos para este livro, e que agora nos levam a falar dele a partir de um ponto de vista complementar daquele.

Em conexão com a temporalidade das vivências referidas em “Estórias...”, parece propositado lembrar o facto (de História da Língua) de muitas palavras envelhecerem com o tempo, de arrastarem consigo o efeito de coisa vetusta, como a em que se dizia a propósito de tal pessoa, “-tem um acrisolado amor à sua terra”. Não só o “acrisolado” soa a estranhamento como, para agravar as coisas, se costuma afirmar do “amor” que é cego (e aqui também parece entrar o saber e vivência existencial talvez deceptiva). Ora, um atributo maior dos cabo-verdianos é exactamente um “acrisolado amor” à sua terra, razão para, na hipótese de o amor ser cego, correrem o risco de não enxergarem as coisas (da sua terra) como elas são na verdade verídica, no seu aparecer empírico.

Fica-se a dever este excuro de teor filológico a uma observação do narrador que, no capítulo “Férias” dedicado à deambulação do protagonista pela Europa Central diz, “Sentia-se um estranho na grande urbe. Sempre suportou com alguma dificuldade o ambiente agitado da cidade [...] Mas, em compensação, nos tempos livres podia ir às livrarias ou visitar exposições e museus” (*Id.*, p. 31).

Assinalam-se três diferenças. As diferenças endógenas entre o cabo-verdiano e as coisas da sua terra são anuladas pela “mesmidade” sustentada pelo acrisolado amor. As diferenças exógenas entre o cabo-verdiano e os europeus são cavadas pela percepção da “outridade” (cidades). Mas, ao mesmo tempo, as diferenças entre a “mesmidade” e a “outridade” são atenuadas pelo enriquecimento em (in)formações culturais (livrarias,

¹ Vénia em lembrança de Maria Isabel Barreno que, se interpelada, se divertia a contar como lhe surgiam as ideias, as formas literárias e a realização do livro.

exposições, museus), que não deixarão de se repercutir no domínio do conhecimento performativo e da escolha dos ângulos de observação e de percepção das realidades onde quer que seja (nomeadamente a percepção clínica do “Torna-Viagem”).

Recapitulando as ideias referidas desde início. Olhar para ver a totalidade da Ilha cabo-verdiana de S. Nicolau implica estar mais acima, no céu, como quem está fora dela. Segundo a sua percepção, o protagonista em “Férias” na Europa Central via os estrangeiros tal como eram, estranhos, pelo lado de fora (como se fosse mais acima), tirocinando portanto a objectividade do olhar que o precavia contra a cegueira do amor acrisolado. Com a sua existência impregnada de saber e de conhecimentos humanistas exercitados neste trajecto cosmopolita dispunha de condições fiáveis para a realização do seu projecto (auto)biográfico.

Se reduzirmos a diversidade das ocorrências da tópica existencial a um esquema simples podemos dizer que, na narrativa e na poesia cabo-verdianas, se resume a três formas elementares. O cabo-verdiano vive cercado pelo mar na sua ilha e sonha evadir-se para a fantasia a fim de frequentar um espaço de maiores liberdades (geográficas). Um cabo-verdiano que viva no exterior sonha em algum momento evadir-se até à sua ilha, movido por um impulso fantasista, para resgatar dos fundos da memória os seus tempo infantis, juvenis ou adultos. Por último, o cabo-verdiano que habita na sua ilha e, ao mesmo tempo, num país estrangeiro deambula entre o cá e o lá como fará qualquer cidadão do mundo².

A estes paradigmas de temáticas literárias o livro de João Lopes acrescenta um outro conceito que não se cinge à narração de vivências de substância existencial, por precisamente as recobrir para as submeter a uma exegese que as racionaliza e as situa dentro de um domínio conceptual bem determinado.

Programa-se, de facto, na realização deste livro uma heurística que se desenvolve em forma de hermenêutica, de descodificação daquilo que, em boa verdade, configura a substância do amor à terra cabo-verdiana. Para realizar um tal desígnio esta heurística arquitecta uma viagem que se distribui por alinhamento de três estações.

Na primeira, capítulo “Hora di Bai”, conta-se o início do rumo do protagonista que agora se designa “Viajante” a caminho da Europa (decerto Portugal).

Na segunda, capítulos “Férias” e “Excursão”, relata-se a deambulação espacial do protagonista, agora designado “Emigrante”, pela Europa Central (Holanda e certamente por outros países).

² Textos exemplares, respectivamente, Baltasar Lopes, “O Construtor”, in *Os Trabalhos e os Dias*, Linda-a-Velha, ALAC, 1987. Orlanda Amarilis, “Cais-do-Sodré”, in *Cais-do-Sodré té Salamansa*, Coimbra, Centelha, 1974. G. T. Didal, “Conto Nº 5”, in *Contos de Macaronésia*, Vol. I, Mindelo, Ilhéu Editora, 1992.

A terceira reúne os restantes capítulos, “Revisitando as Origens”, “Reencontro”, “Noite de Sete”, “Vivências”, “Romaria”, “Todos-os-Santos”, para narrar os lugares percorridos pelo protagonista, finalmente designado “Torna Viagem”, em Cabo Verde, na ilha de S. Nicolau.

Tidas em consideração as suas balizas delimitadoras, o percurso forma um périplo, um circuito fechado no plano geográfico e, segundo se referiu já, um trajecto heurístico deduzido da nota do narrador, no capítulo “Excursão”, “as viagens eram sinónimo de aprendizagem constante por lhe estimularem a curiosidade, proporcionarem contactos, contribuirem para a sua formação e melhorarem a sua capacidade de compreender o outro” (*Id.*, p. 39).

Confissão feira, não custará admitir que as três estações desta heurística obedecem a uma significação lógica.

A primeira representa o caminho do “Viajante” orientado para a demanda do saber científico formativo de que carecia a sua competência.

Na segunda, como se viu na referida citação (p. 39) trata-se de levar mais longe a competência científica, acrescentando-lhe uma componente humanista de “Emigrante” para “melhorar a sua capacidade de compreensão do outro”.

Na terceira, o regresso do “Torna-Viagem” às origens proporciona um verdadeiro exercício performativo daquelas competências.

Reitera-se o que se disse mais acima acerca das três formas existenciais, comuns na narrativa e na poesia cabo-verdianas. As formas de evasão pelo sonho para as vivências com o “outro”, o regresso nostálgico às origens e a deambulação sincretista pelo mundo completam-se, neste livro, com o que se pode designar processo do saber competente ao serviço performativo do ser enraizado pelo acrisolado amor no chão da sua terra. (Mais adiante fixaremos os conceitos operatórios deste paradigma existencial).

Daí a multiplicidade funcional bastante criativa da terceira estação, do regresso do protagonista, “Torna Viagem”, a alguns lugares de origem que só em parte exprimem o nostálgico gesto de matar saudades.

No passado, o “Torna Viagem” cresceu envolvido por uma enredo de relações que apenas podia compreender nos planos prático e afectivo, consoante a idade incipiente da altura. Graças ao saber científico adquirido na primeira estação e, depois, à experiência deambulatoria no espaço europeu, que o apetrecharia de experiências humanistas, podia neste regresso reescrever os sentimentos antigos, agora objectivados, vistos a partir do ângulo exterior do saber, como se estivesse no lugar mais acima cedido pela passagem dos anos.

Nesta revisão das origens sobressaem duas figuras, a velha ama, Ma Chica Tudinha (Reencontro) e o caseiro, fiel guardião da habitação familiar, Patichico (Vivências), que

formam a simbologia matricial (ela<>ama<>mãe / ele<>casa<>pai), núcleo humano de enleio familiar, apenas alargado a umas quantas personagens de tipologia inesquecível, o “mulherengo sem escrúpulos” Pede Ganete (*Id.*, p. 71), a antiga serviçal Nhâ Puldina (*Id.*, p. 97), o lojista Nhô Marco que “Actualmente vende paciência...” (*Id.*, p. 100) e o camionista de grandes “afetos que esconde em si” Chico Gariz (*Id.*, p. 101).

Por organização formal, na generalidade desta terceira estação predomina a figura retórica da sinédoque, povoada de sucessivas metonímias de evocação analógica, numa realização documental quase fílmica, a que o saber científico confere a função de lições de etno-antropologia de grande coerência isotópica, nomeadamente nos capítulos “Noite de sete”, “Romaria” e “Todos-os-Santos”.

Aos três paradigmas de temáticas da literatura cabo-verdiana mais acima referidas, de “fantasia evasionista”, de “retorno nostálgico” e de “deambulação pelo mundo”, esta realização textual dá consistência ao paradigma de “círculo hermenêutico” que envolve uma síntese substancial de evasão formativa científica, de deambulação humanista e de retorno exegetico, em forma de roteiro pedagógico-turístico (etno-antropológico).

Na sua versão mais corrente, a emigração cabo-verdiana não deixa de ser também uma forma de evasionismo, evasão de um mundo de dificuldades, não nomeado deste modo por se tratar de uma não-intencionalidade, por obedecer a um motivo primário de intenção que se esgota na redenção económica. Neste texto de João Lopes-Filho a bitola emigrante-evasionista eleva-se à injunção entre a intencionalidade cultural e a intenção redentora, movida pela economia do saber necessário e de utilidade produtiva.

Sem intenções comparatistas, por não se dever comparar o incomparável, a questão confina-se aos planos da realização e das funções adjacentes à evolução historiográfica da temática emigrante. Em *Chiquinho*, de Baltasar Lopes, conta-se a história de como o protagonista, Chiquinho, se vê forçado a emigrar para a América e por lá permanecer. (Só regressou na imaginação nostálgica de Chiquinho / Francisco Soares ficcionada de *Chiquinho*). Em *Poeiras de Diasâ*, conta-se a história do protagonista que emigra em busca do saber e que regressa para dar emprego produtivo a esse saber adquirido.

Na diegese de *Chiquinho*, o facto observado por Chiquinho, de os camponeses do seu Caleijão, obstinadamente, “semear, ressemear sempre”, só seria esclarecido a partir de mais longe, do espaço urbano de S. Vicente, mediante o saber de mais poder explicativo do sociólogo Andrezinho. Num processo de evolução em continuidade, em *Poeiras de Diasâ* o lugar do saber esclarecedor situa-se mais longe, fora das ilhas.

Mas também em *Chiquinho* se encontra indiciado o lugar mais longe do saber. De facto, em um e outro texto inscreve-se em filigrana a analogia da viagem Prometêutica. A Chiquinho foi destinado pela catástrofe da seca emigrar para a América, pretexto para

se apropriar do saber maior onde ele existia (reactualizar a odisseia incompleta de José Lima com a frequência de uma Universidade americana). As metamorfoses “Viajante”, “Emigrante” e “Torna-Viagem” encadeiam uma similar odisseia do saber, mas agora finalizada por uma propedêutica objectivada pelo olhar analítico. Emigrar, apetrechar-se intelectualmente, regressar, aplicar o saber na produção de conhecimento novo e útil.

Finaliza-se esta abordagem com um elenco de alguns tópicos de maior relevo.

1. Em vez de recorrer à antroponímia, o Autor atribui ao protagonista designativos de sentido funcional, cada um deles referente de uma estação, a primeira com um capítulo, a segunda com dois, e a terceira com seis capítulos.

2. Partindo da “boutade” ensaística de “só ser notado aquilo que é notável”, poder-se-á dizer que, na primeira estação, no capítulo “Hora di Bai”, não há propriamente história fora das ilhas (em Portugal).

3. E acresce que o protagonista designado “Viajante”, embora emigrado em Portugal, só toma a designação “Emigrante” na Europa, fora de Portugal (Holanda e outros países).

4. Sendo verdade que, para os cabo-verdianos, existem três paradigmas de pessoas, nós, os cabo-verdianos, os portugueses e os “outros” (os estrangeiros), a questão exposta em “2” e “3” fica implicitamente elucidada.

4.1. Partir para a América, França, Suíça, Itália, Alemanha, Holanda realiza o caminho para um sítio do “outro”, processo a que convém a designação “Emigrante”.

4.2. Narrada a viagem de S. Nicolau a S. Vicente, na primeira estação, “Hora di Bai”, os anos de formação científica e de actividade docente de “Viajante” em terra portuguesa são de tal forma previsíveis e tão familiares que nem oferecem novidades historiáveis.

4.3. E assim se deduzem os estatutos, i)- “Emigrante” na terra do “outro; ii)- “Viajante” na terra dos portugueses; iii)- “Étant” (Merleau-Ponty) na nossa terra.

5. Apreciável número de obras do subgénero “viagens” não fala da viagem em si, mas das funções a que as viagens se prestam, uma vezes como contexto, outras vezes como pretexto e raramente como texto (Hélène Lefebvre)³

5.1. Em *Poeiras de Diasâ* entram dois capítulos de assinalável interesse viageiro, “Hora di Bai” que, como se referiu já, relata o roteiro entre as ilhas de S. Nicolau e S. Vicente, juntando elementos de grande teor descritivo, náutico e sobre a actividade de pescador, tudo acrescido do inesperado da aventura do “Viajante” clandestino, e “Revisitando as Origens” com um itinerário ao longo de lugares, sítios e percursos coleccionados pela memória evocativa, descritores de muitos aspectos étnicos e festivos pitoresco.

³ Os relatos de naufrágio no percurso de torna-viagem das Índias são exemplos de viagem como texto, in Bernardo Gomes de Brito, *História trágico-marítima*.

5.2. Nos capítulos “Férias” e “Excursão” o fim é ainda a viagem em sentido completo, o primeiro dando relevo ao contacto com os ambientes gerais, à geografia humana e aos seus tipos excêntricos, e o segundo privilegiando a visita guiada de âmbito cultural.

6. Nestes capítulos de périplo europeu, as realidades são observadas através de um olhar de focalização externa (de objectividade cinematográfica) que deixa as descrições e os apontamentos confinados a sentidos difusos e a imagens de contornos imprecisos sem nomeações que, em todos os casos, conotam a distância de estranhamento, de “outro”.

7. Assim se marca a diferença. Com este banho cosmopolita, humanista, sociológico, a servir de fundo motivador, o “Torna-Viagem” pode-se abrir na sua terra a um exercício de hermenêutica etno-antropológica, em forma de lições de Professor.

8. Um outro pormenor de grande interesse, no geral interdito aos leitores que só correm atrás das histórias, é dado pelo acessório meio de transporte.

8.1. No primeiro capítulo, “Hora di Bai”, o “Viajante” protagonista viaja de barco da sua ilha para a ilha de destino, a fim de, em seguida, viajar de barco para a Europa.

8.2. Na terceira estação, “Revisitando as Origens”, o “Torna-Viagem” protagonista diz que “com o aproximar do avião” a vista dispõe de outro alcance (*Id.*, p. 49).

8.3. Sendo irrelevante saber se Autor anotou intencionalmente ou não estas diferenças, o essencial decorre da função que desempenha a evolução tecnológica, civilizacional, na história, em forma de quantidade de tempo intercalar entre uma e outra viagem (barco e avião), bitola que ajuda a avaliar a intensidade dos efeitos emocionais nos encontros do protagonista com personagens de enleio afectivo em “Reencontro” e em “Vivências”.

8.4. Em “Reencontro”, a primeira reacção pertencerá a “Torna-Viagem”, mais formal e descritiva, filtrada pelo olhar intelectual que refreia as emoções do protagonista “Ao rever aquela figura ternurenta, ficou preso às muitas estórias que as linhas do seu rosto enrugado, o cabelo branco e as veias salientes das mãos lhe segredavam (*Id.*, p. 63).

8.5. Em “Vivências”, pelo contrário, predomina no primeiro contacto a espontaneidade da reacção do velho que, em expressão de português criouliizado, adquire uma muito mais incisiva tonalidade emotiva: “Oh! Nhà menine em carne e osso prantado à minha frente! Há tamto tempo... Não estarei a sonhar?” (*Id.*, p. 88).

9. Em forma de apontamento de circunstâncias, atente-se na recorrência de um tópico em dois lugares marcados.

9.1. Em “Hora di Bai” anota-se um facto, que a “areia curativa” da praia se encontrava atulhada de detritos (*Id.*, p. 21).

9.2. Em “Revisitando as Origens”, a informação é mais prolixa, que as “areias finas e negras” das praias do povoado litorâneo se tornaram famosas pelas suas “propriedades medicinais”, principalmente para tratamentos de doenças reumáticas (*Id.*, p. 54).

9.3. Entre os tempos antigos, em que “Viajante” se deslocou de barco, e o presente, em que regressou de avião, a mesma realidade evoluiu de (rudes) “areias curativas” (como se fossem simplesmente mezinhas caseiras) para um qualificativo descritivo apurado de “areias finas e negras, medicinais” (agora em discurso clínico). Tantos anos se passaram que uma praia deu lugar a um povoado no novel Concelho do Tarrafal de S. Nicolau.

10. Na breve reflexão de pré-texto sobre estética narrativa (Estórias...) citam-se nomes com função testemunhal de autoridade, gesto que se repercute ao longo de todo o texto.

10.1. Cada capítulo termina por um fragmento narrativo ou poético, em todos os casos de motivação semântica, como no conto oral pedagógico que termina com uma sentença “lição de moral”. De forma disfarçada, a escrita parece imitar o registo de tradição oral, para se legitimar no eixo da continuidade cultural. Ou em sentido oposto, a escrita como que imita a forma da oralidade para a preservar no seu suporte material.

10.2. Em alguns capítulos da terceira estação (Reencontro, Vivências, Romaria, Todos-os-Santos) as citações compreendem fragmentos poéticos em crioulo, cantiga de ninar (*Id.*, p. 65), letra de música e dança étnica (*Id.*, p. 11) e canto celebrativo (*Id.*, p. 125), e de sentenças no geral de ensaístas ou escritores europeus (*Id.*, p. 59, 67, 69, 92, 125). A um só tempo, “Torna-Viagem” desempenha expressamente a função de narrador e, por implícito, representa o Autor. A nível narrativo, conta factos e, a nível Autoral, expende as referidas lições etno-antropológicas, por um lado, mergulhando na intimidade da vida cabo-verdiana (textos em crioulo) e, por outro, distanciando-se dela por convocação de intelectuais europeus para certificar a distância objectiva das suas análises e evitar que o seu “acrisolado amor” o leve a cair no risco da cegueira intelectual.

10.3. Sem nada de subjectivo, esta leitura interpretativa fica-se a dever a um deslize Autoral, “Na nossa terra, a palavra incerteza vem sempre associada ao termo esperança” (*Id.*, p. 121). Na terceira estação, no termo do périplo (auto)biográfico, já vencido pelo encantamento, o “Torna-Viagem” narrador perde de vista o destinatário-leitor em geral, passa de “eu⇒vós” (exclusivo) a “eu⇒nós (inclusivo), entrando pela coloquialidade sempre ameaçada pelo risco dos subjectivismos infiltrados pela familiaridade.

11. Para lá do risco teórico, falar de coisas familiares aos cabo-verdianos não significa dizer aquilo que eles sabem. Eles conhecem as coisas pelo seu aparecer fenoménico. Ao narrador que as conta sobrepõe-se o Autor que com os excursos analíticos, descritivos e interpretativos os leva a descobrirem a essência das coisas que apenas vivenciam.

12. E assim se termina, fechando o círculo viageiro-hermenêutico. Esta narrativa, tudo o indica, não será mais do que, ou será antes de tudo o mais, uma realização etiológica, a ficcionalização de materiais extraídos da vida do Autor (Estórias...) ou uma realização “fílmica” hiper-realista que acrescenta novo sentido (intelectual) ao tópico emigrante.